

BOLETIM DO MUSEU NACIONAL

NOVA SÉRIE

RIO DE JANEIRO - BRASIL

ISSN 0080-3189

ANTROPOLOGIA

Nº 56

30 DE ABRIL DE 1987

O COTIDIANO DA VIOLENCIA: IDENTIDADE E SOBREVIVÊNCIA

GILBERTO VELHO

Museu Nacional - Rio de Janeiro

850.5
P12
I

I - Há vinte e três anos, no Rio de Janeiro, um jovem vestibulando ao reagir a um assalto praticado por pivetes foi assassinado, tentando defender-se e a sua namorada. Era filho de conhecida família, possuindo um grande número de amigos que ficaram extremamente chocados e revoltados com o episódio. Durante semanas o evento foi matéria dos veículos de comunicação. Vários grupos e segmentos da sociedade foram mobilizados. Exigiram-se dos Governos estadual e federal providências de vários tipos. Estabeleceu-se uma polêmica sobre a eficácia de medidas preventivas e repressivas. O assassino, menor de idade, pobre, foi objeto de investigações psicológicas. Houve um surto de um movimento reformista da política de assistência ao menor.

Estes foram apenas alguns dos aspectos decorrentes do assassinato de Odilo Costa Neto, no início de 1964.

Nos últimos anos, centenas, milhares de jovens do mesmo meio social têm sido assaltados, agredidos, estando eventualmente acompanhados de namoradas e amigas. Estas, em vários casos, são violentadas na frente de seus acompanhantes, ameaçados pelas armas dos assaltantes.

Entregue para publicação em 30.03.1987. Aceito em 08.04.1987.
Publicado com recursos do convênio nº 4.1.86.0176.00 - FINEP/FUJB/UFRJ - Museu Nacional, relativo ao Projeto de Pesquisa em Antropologia Social coordenado pelo Professor José Sergio Leite Lopes, Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Rio de Janeiro.
Este trabalho corresponde a um dos desdobramentos do sub-projeto "Estudo Comparativo de Camadas Médias - Visão de Mundo e Estilo de Vida". Discuti com colegas e alunos algumas questões aqui analisadas enquanto pesquisador-visitante da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), no Depto. de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo, agosto/novembro de 1986.

Impressão:

COPIARTE-Copiadora e Artes Gráficas Ltda.

Rio de Janeiro, RJ

Favor não fazer anotações ou grifos
à tinta ou a lápis nesta publicação



II - O que mudou neste período? Independentemente dos aspectos mais estritamente individuais, altamente relevantes, da reação de Odilo, não há como negar que estamos diante de uma mudança mais geral de valores e padrões. No final da década de cinquenta, nos inícios dos anos sessenta conhecemos vários casos de assaltos em que houve reação das vítimas. Um médico famoso, saindo de uma festa com sua mulher, ao entrar em seu carro foi abordado por um assaltante armado que exigiu o carro, a carteira e a mulher. O médico sacou de um revólver e matou, sem hesitar, o assaltante.

Pelo menos, dois colegas de Odilo, mais ou menos na mesma época, foram vítimas de tentativas de assalto, reagiram, entraram em luta corporal, conseguindo afugentar os ladrões. É claro que outros assaltados não reagiram. Também é verdade que, atualmente, registram-se reações. No entanto, estas geralmente se dão quando o assaltado está armado. Pessoas desarmadas raramente reagem, mesmo quando, nos termos da geração anterior, são humilhadas estando ou não acompanhadas e, muitas vezes, agredidas.

A idéia básica é que estamos lidando com diferentes tipos de adaptação à sociedade contemporânea, particularmente na grande cidade brasileira, a partir de representações e orientações diferenciadas sobre o significado do indivíduo, em seus termos mais amplos.

A valorização do heroísmo, de uma ação determinada de um sujeito que está preocupado com honra — a sua e de quem o acompanha — estão vinculadas a um sistema de crenças e paradigmas em que o indivíduo não só é a unidade mínima significativa mas é o agente de seu aperfeiçoamento, capaz de desenvolver estratégias de "self-cultivation" nos termos de G. SIMMEL e outros autores. Não só o heroísmo, caso limite, mas em geral, a afirmação do indivíduo, fazem parte de um ideário em que o crescimento, a evolução, o aperfeiçoamento estão imbricados às possibilidades de atuação do sujeito no mundo, defendendo e lutando por

seus princípios e crenças. É neste sentido que a morte de um jovem, defendendo sua namorada durante um assalto, seria a confirmação dos paradigmas de coragem e virilidade. A ausência de reação, há vinte, trinta anos atrás, configuraria uma possibilidade de estigmatização e de acusação de covardia. Seria, certamente, motivo para algum constrangimento. Hoje esses padrões não são os mesmos. A possibilidade de negociar, conversar, sempre existiu e frequentemente foi acionada desde que a violência começou a se generalizar. Contemporâneos de Odilo também passaram por situações em que puderam, de alguma forma, estabelecer acordos com os assaltantes em que se podia perder o dinheiro, preservando a integridade física e, eventualmente, a honra. Parece que esse espaço de negociação tem diminuído, de acordo com relatos de pessoas assaltadas. Constantemente o assaltante quer o dinheiro, a roupa e, no caso de mulheres (às vezes no de homem) isto é acompanhado de abusos sexuais. É aí então que se coloca a questão da tolerância e aceitação, maior ou menor, por parte das vítimas, das exigências e ameaças do assaltante. Coloca-se, claramente, como valor básico a sustentar essas condutas, a sobrevivência propriamente dita. Manter-se vivo, sendo roubado, agredido muitas vezes, além de tudo que já foi mencionado, enquadra-se em uma ideologia individualista de sobrevivência.

No caso brasileiro, o movimento militar de 64 com a instalação do regime autoritário e todas as conseqüências de uma repressão dura que atingiu, entre outros, os setores médios, é fato que não pode ser ignorado. Durante cerca de vinte anos, os órgãos de repressão atuaram com maior ou menor desembaraço, especialmente entre 1968 e 1973. A prática da tortura, as ameaças, o clima de medo e insegurança foram importantes fatores para a desestabilização de crenças e valores que se baseavam em uma concepção particular do valor-indivíduo. No universo de camadas médias foi a primeira vez na história brasileira em que a repressão atuou de forma tão extensa e intensa. Nesse sen-

tido, pode-se dizer, também que uma violência específica particularmente ameaçadora de alguma forma tornou-se uma possibilidade permanente. A questão da sobrevivência, assim, assumiu aspectos especialmente dramáticos, diante da insegurança quanto à ação de setores do próprio Estado. Pode-se especular que essas seriam variáveis importantes para compreender uma espécie de individualismo agonístico que tornou-se cada vez mais freqüente nas camadas médias brasileiras.

III - Alguns autores, como CHRISTOPHER LASCH (1978 e 1984) tem se dedicado a levantar hipóteses e investigar esses aspectos da sociedade contemporânea, falando em *Narcisismo, eu mínimo, auto-preservação, etc.*

Creio que, dentro de uma perspectiva antropológica, temos que evitar julgamentos de valor. Poderemos até ser, por esta opção, enquadrados como céticos, amorais, cientificistas, etc.

Mas, uma vez procurando entender as reações e atitudes individuais, a partir de uma visão sócio-histórica, não estamos proibidos de ter determinadas preferências e simpatias. Há que constatar a mudança de costumes e valores, associada às drásticas transformações da vida urbana. Uma dessas conseqüências foi a banalização, rotinização de violência. Não estou falando da dominação de classes, da opressão das oligarquias, da repressão do aparelho de Estado. Refiro-me ao banditismo, aos assaltos, roubos. Sem dúvida, todos esses fenômenos estão, de alguma forma, associados, mas focalizo, primordialmente, uma mudança de atitudes e valores no universo de camadas médias urbanas diante da violência de que são vítimas no seu cotidiano, principalmente no relacionamento com as classes subalternas. É óbvio que sabemos que estes grupos também sofrem a violência e que as pessoas são assaltadas, roubadas e vitimizadas em geral. Mas é dentro da escala de valores das camadas

das médias que procuro identificar novas concepções do indivíduo e de seus atributos.

Não vou me deter, nos limites deste texto, em repisar o que sabemos sobre algumas das causas do aumento da violência, nem procurarei discutir, com mais profundidade, as motivações do agressor (ver ZALUAR, 1985). Conhecemos a miséria desmesurada, o inchamento das cidades, o desemprego e o sub-emprego, a desigualdade na distribuição de renda e a deslegitimação de uma ordem moral que articulava, mesmo que precariamente a ordem social tradicional (ver VELHO, 1980 e 1987). Cabe, neste momento, refletir sobre a atitude dos agredidos, tipicamente de camadas médias, no contexto desta discussão em que, em última análise, todos são, de alguma forma vítimas. Mas, sem concessões a um paternalismo de elite, creio ser estimulante procurar compreender a problemática específica das camadas médias, não nos limitando a lamentar as condições de vida da classe trabalhadora, dos subalternos, pobres, etc.

Creio que, na medida em que nesse universo de camadas médias cristalizavam-se certos agregados de valores e paradigmas que enfatizavam não só a honra masculina e feminina mas uma visão particular de hierarquia social, uma concepção bem marcada de hombridade, cavalheirismo e moralidade, vale a pena insistir na análise dessa aparente mudança. Hoje vemos mães e pais, estes particularmente ainda socializados dentro da escala de valores supracitada, insistirem com os filhos para que não reajam a assaltos, não resistam, não briguem. Creio que para as filhas, de um modo geral, admitindo-se variações, no universo de camadas médias, a própria honra passa a ser secundária diante da necessidade, da importância de permanecer viva. Sei que em relação a este ponto a questão pode ser mais complexa, mas tende a tornar-se cada vez mais evidente que os pais preferem suas filhas vivas do que mortas em defesa de sua honra. O mais terrível é quando temos casos, alguns notórios, em que a violência sexual, propriamente, culmina com o

assassinato da vítima.

Quando esses eventos são de caráter inter-classe, reforça-se a taxa de poluição social envolvida, nos termos de MARY DOUGLAS (1970).

De qualquer forma, no caso dos homens jovens, adolescentes ou meninos — é flagrante a mudança de valores em que a honra masculina era sublinhada, para uma ênfase na sobrevivência a qualquer custo. Cabe lembrar os trabalhos sobre sociedades e famílias do tipo mediterrâneo (ver, por exemplo PERISTIANY *et al.*, 1971) em que a virilidade e o machismo são produtos da combinação de um prestígio sexual e de valentia. A situação em que um jovem adulto assiste sua namorada ser objeto de violência sexual por parte de assaltantes, sem reagir, é expressão dramática de uma ruptura, de uma descontinuidade no universo simbólico. Insisto que não desejo estabelecer comparações indevidas e estabelecer superioridades nostálgicas. O fato é que na selva urbana, objeto de tantas reflexões e de criações artísticas, cada vez mais delineam-se opções difíceis. É possível e é conhecido o caminho de transformar os jovens em máquinas de lutar. Todas as artes marciais, técnicas de combate e mesmo armas podem transformar um jovem num ser belicoso pronto a reagir com violência a qualquer ameaça. Nos segmentos médios mais intelectualizados, embora noções de defesa pessoal possam até ser ensinadas através de cursos de judô, caratê, etc., parece que a ênfase predominante é mais em *cuidar do corpo*, do físico, do que propriamente na crença de que os jovens possam ou devam efetivamente se proteger de assaltantes armados. Sabemos até, em outros segmentos, de casos de brigas entre pares, adolescentes ou rapazes, em que ferimentos sérios ou mesmo mortes podem advir de um desentendimento trivial, a partir de um precário domínio de técnicas de combate. A utilidade deste "know-how" no enfrentamento de bandidos armados é bastante discutível. Portanto, a opção predominante no meio social que estamos examinando é a não-reação, não-resistência.

Um dos fatos significativos associados a essa mudança é o sentimento de que essa opção não diminui o valor, a masculinidade do sobrevivente. Este não é "louco" ou "otário" (1) para se deixar matar por dinheiro, bens ou mesmo a honra, categoria conhecida porém de pequena repercussão. Ou seja, as vítimas desses assaltos, obviamente, sofrem e pagam preços elevados mas, de um modo geral, não se tornam aleijões psicológicos. Trata-se, como já foi dito, de uma adaptação a um meio mais hostil onde as regras de convivência social foram alteradas e onde a identidade masculina passa a ser elaborada em bases diferentes da geração anterior. Diga-se, de passagem, que é mais comum encontrar situações, neste meio social, em que homens de meia idade reagem a assaltos e levam a pior, às vezes morrendo. Nesse sentido os filhos, em princípio, estão mais adaptados do que os pais a esse cenário de violência. São mais capazes de sobreviver. Recentemente um oficial da reserva sacou de sua arma ao ser assaltado e foi morto pelos bandidos, tendo sido roubado meticulosamente. Esses exemplos repercutem. A ideologia da sobrevivência, relegando a honra ou valores semelhantes a segundo plano, de fato torna-se cada vez mais predominante. É bastante conhecido o fenômeno que aparece em literatura, cinema, teatro, artes plásticas, da perda de significado. Não só o mundo exterior é questionado, mas a própria condição do indivíduo-sujeito, personalidade ou ator.

Continuar a viver é o valor central. Não há causa ou relação que justifique a morte. Esta deve ser evitada. A configuração de valores centrada na sobrevivência pura e simples, não exclui ética e moralidade. Mas estas são cons

(1) Categorias que aparecem em entrevistas realizadas com jovens.

truídas a partir de, pelo menos, mudanças drásticas de significado. Não creio que os dados que dispomos possam indicar um esvaziamento, mas antes uma mudança, com outras definições do que é essencial, importante. A real ou aparente passividade de um assaltado pode estar expressando não necessariamente medo, covardia, mas uma forte valorização da sua vida e da de seus acompanhantes. Nesses termos é mais importante que a amiga ou namorada também permaneça viva, em detrimento de uma ênfase anterior no valor tradicional da honra feminina.

Não quero defender a tese de que esse processo seja linear, indolor ou livre de tensões. Muito pelo contrário. Nos termos de FIGUEIRA (1981) há, em alguma medida, um *desmapeamento* que atinge em graus diferentes todos os grupos sociais, geracionais, etc. Há, por outro lado, dentro de um processo mais geral de fragmentação da vida moderna, situações contraditórias e conflitivas. Em nenhum momento insinuo o desaparecimento de solidariedade, laços de lealdade. Trata-se de um problema da redefinição, que implica em novas hierarquizações nem sempre expressas através de verbalização, mais elaboradas, de discursos concretos e claros, etc. De qualquer forma, não há como negar que há significativa alteração de padrões no período mencionado, em parte explicável pelas circunstâncias mais imediatas da sociedade brasileira e em parte associada a processos mais universalizantes da modernidade, da vida social contemporânea.

Creio que estamos vivendo hoje no Brasil, particularmente nos grandes centros urbanos, um processo de anomia, de desorganização, de inadequação de meios a fins, certamente de ausência de consenso em torno de aspectos e dimensões básicas da vida social. As situações de interação, intra e inter-classes são extremamente difíceis, com desencontros e conflitos de todos os tipos.

É possível que a ideologia de sobrevivência, com a configuração de valores e significados que a acompanha, se

ja, essencialmente, uma adaptação a uma sociedade descontínua, anômica. Assim, estaríamos vivendo na sociedade brasileira, um caso limite de fragmentação que, embora mais geral, estaria aqui assumindo feições particularmente agudas e dramáticas. Tentar descrever e analisar essa situação é etapa necessária para uma eventual busca de saídas e soluções, por mais difícil que isto possa hoje parecer.

ABSTRACT

This article is concerned with violence and cultural change. It deals with new behavior and attitudes connected with situations of interaction between criminals and victims. Specifically the article discusses the questions concerned to the concepts of honour, manhood and general problems of social identity in urban Brazil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOUGLAS, M., 1970 - *Purity and Danger an analysis of concepts of pollution and taboo*. 196pp. Routledge & Kegan Paul, London.
- FIGUEIRA, S., 1981 - *O Contexto Social da Psicanálise*. 254pp. Francisco Alves, Rio de Janeiro.
- LASCH, C., 1978 - *The Culture of Narcissism: American Life in the Age of Diminishing Expectations*. 276pp. Mouton, New York.
- LASCH, C., 1984 - *The Minimal Self-psycho survival in Troubled times*. 286pp. Mouton, New York.
- PERISTIANY, J.G. et al., 1971 - *Honra e Vergonha - Valores das Sociedades Mediterrâneas*. 244pp. Gulbenkian, Lisboa.
- SIMMEL, G., 1971 - *On Individuality and Social Forms*. 393pp. University of Chicago Press, Chicago.
- VELHO, G., 1980 - *Violência e Cidadania. Dados. Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, 23 (3): 361-364.
- VELHO, G., 1987 - *As Vítimas Preferenciais. In Violência. Encarte Especial. Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, 5 (28) (Suplemento): 3-4.

